



OS IMPACTOS DO USO INDEVIDO DAS REDES SOCIAIS NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

THE IMPACTS OF USE IMPROPER OF SOCIAL NETWORKS IN DISTANCE EDUCATION

- **Francisco Atualpa Ribeiro Filho** (UNOPAR e UAB/UFPI – atuorgines25@hotmail.com)

Resumo

*Soa inconcebível falar de Educação a Distância sem o auxílio dos meios tecnológicos e virtuais. Diante da otimização, os aparatos tecnológicos vinculados à internet se transformaram em conforto e satisfação de desejos pessoais. Deste modo, instaura-se a problemática pautada na seguinte questão: não estaria o uso indevido das redes sociais comprometendo o desempenho acadêmico e profissional do homem e/ou interferindo em sua capacidade crítica? Assim, o presente artigo tem como objetivo fundamental refletir sobre as consequências que o uso excessivo das redes sociais implica na educação a distância. Não obstante, o trabalho propõe ainda, para uma melhor compreensão da temática em questão, a expressão conceituar redes sociais e evidenciar os elementos que caracterizam os malefícios do seu uso indevido. Para tanto, a metodologia empregada neste estudo consistiu em um apanhado de revisão bibliográfica detalhada, de modo a valer-se dos seguintes autores e obras: a brasileira Raquel Recuero em seu livro *Redes Sociais da Internet* (2009); o sociólogo espanhol Manuel Castells em sua obra *Sociedade em Rede* (2002); *A Galáxia da internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade* (2003); o filósofo francês Pierre Lévy como um dos expoentes no campo da mídia cibernética, tendo como norte o texto *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço* (2007) e os frankfurtianos Theodor Adorno e Max Horkheimer na célebre produção *a Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (1986).*

Palavras-chaves: Tecnologia; Redes Sociais na Internet; Educação a Distância

Abstract

*It seems inconceivable to talk about Distance Education without the aid of technology and virtual media. Given the optimization, technological devices connected to the internet were transformed in comfort and satisfaction of personal desires. Thereby, introducing to the problem guided by the following question: would not the improper use of social networking compromising academic and professional performance of man and/or interfering in their critical capacity? Thus, this article has as fundamental objective reflect on the consequences that excessive use of social networks implies the distance education. Nevertheless, the article proposes, for a better understanding of the thematic in question, the expression conceptualize social networks and evidence the elements that characterize the dangers of its misuse. Therefore, the methodology used in this study consisted of an overview of detailed literature review, in order to avail of the following authors and works: the brazilian Raquel Recuero in his book *Social Internet**





Networks (2009); the spanish sociologist Manuel Castells in his work Network Society (2002); The Galaxy of Internet: Reflections on the Internet, the Business and Society (2003); the french philosopher Pierre Lévy as one of the exponents in the field of cyber media, as with north the text The Collective Intelligence: for a cyberspace anthropology (2007) and the frankfurtians Theodor Adorno and Max Horkheimer in the famous production Dialectic of Enlightenment: philosophical fragments (1986).

Keywords: Technology; Social networking in Internet; Distance Education.

1. Introdução

Com o advento da internet, na década de 90, houve uma drástica mudança em todos os aspectos da vida humana: tanto nas organizações quanto na dimensão pessoal. Esse novo universo virtual possibilitou às pessoas, no início no século XXI, um impulso em matéria de convívio, diálogo e distração, e assim, o uso das redes sociais firma-se como uma de suas ferramentas.

Nas palavras de Vermelho, Velho e Bertonecello (2015, p. 4) tem-se a gênese do “conceito de rede – como pontos unidos por linhas –, portanto, traz na sua essência elementos primitivos da ciência que permitiu construir e consolidar as habilidades de perceber o real e atribuir-lhe significado”. Nesse sentido, os autores são enfáticos ao dizerem que hoje as áreas do conhecimento reconhecem que o termo rede social é uma construção linguística e cultural, apoiada sobre práticas observacionais e constituídas ao longo da história humana. Sublinham, ainda, ao dizerem que as redes tiveram avanço significativo com o advento do período renascentista, considerando seu caráter antropológico e sociológico em torno da relação espacial construída pela razão.

Atualmente a indústria mercadológica possibilita ao homem categorias que vão além do meio imanente em que vive através do *MySpace* (2003), o extinto *Orkut* (2004), *Facebook* (2006) e *Twitter* (2009). A concepção de redes sociais perpassa o cenário meramente virtual e tem respaldo na Antropologia e na Sociologia.

Desse modo, Lévi-Strauss (1987, p. 5) em sua obra *Mito e Significado* postula que quando “apareço perante mim mesmo como o lugar onde há coisas que acontecem, mas não há o ‘Eu’, não há o ‘mim’”. Sendo assim, o antropólogo diz que, “cada um de nós é uma espécie de encruzilhada onde acontecem coisas. As encruzilhadas são puramente passivas; há algo que acontece nesse lugar. Outras coisas igualmente válidas acontecem noutros pontos”. O pensador reflete sobre a dimensão gregária que é inerente ao homem de forma interna – o desejo de comunicar – e externa – o de interagir de forma imediata com o próximo e projetar cognitivamente o que os outros pensam e fazem em espaços distintos.

No âmbito sociológico, percebemos a contribuição de Manuel Castells em seu artigo *Sociedade em Rede: do conhecimento à política*:

As redes de tecnologias digitais permitem a existência de redes que ultrapassem os seus limites históricos. E podem, ao mesmo tempo, ser flexíveis e adaptáveis graças à sua capacidade de descentralizar a sua performance ao longo de uma rede de componentes autônomos, enquanto se mantêm capazes de coordenar toda esta atividade descentralizada com a possibilidade de partilhar a tomada de decisões. As





redes de comunicação digital são a coluna vertebral da sociedade em rede (CASTELLS, 2004, p. 18).

Com isso, uma das características mais latentes nas redes sociais é a democratização e divulgação das informações. Porém, tal facilidade ao acesso à informação abre fissuras no que toca ao conteúdo ou até mesmo à substancialidade dessas informações, assim como tudo que o homem cria transforma a si mesmo em servo da sua própria invenção. Com as redes sociais não é diferente, dado que o homem se condiciona ao meio virtual. E o que é mais grave: perde o senso da distinção entre conhecimento e informação.

Contudo, reconhecemos os benefícios que as novas tecnologias assumem na vida do homem moderno, mas é notória a mudança de norte que o processo tecnológico se distanciou de sua missão original. A questão que se coloca então é: não estariam as redes sociais afetando a atuação acadêmica e profissional do homem e mingando sua habilidade cognitiva? Exposições feitas, os objetivos desse trabalho são: refletir sobre os impactos do uso indevido que as redes sociais provocam na Educação a Distância, conceituar redes sociais e evidenciar os elementos que caracterizam os malefícios do seu uso impróprio.

O artigo que ora apresentamos assume caráter teórico-bibliográfico tendo como autores Raquel Recuero em seu livro *Redes Sociais da Internet* (2009), o sociólogo espanhol Manuel Castells, *Sociedade em Rede* (2002) e *A Galáxia da internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade* (2003), o filósofo francês Pierre Lévy com o texto *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço* (2007), os frankfurtianos Theodor Adorno e Max Horkheimer, em *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (1986). Faremos uso de artigos e revistas eletrônicas sobre a temática em questão.

2. Vantagens e Desafios da Educação A Distância

Desde seu surgimento no Brasil na década de 1920, a Educação a Distância (desde os tempos de cursos via rádio) tem como alvo democratizar o acesso ao ensino e assim, desmitificar a ideia elitista de que a educação seja técnica ou superior, possui um padrão de aluno ou serve apenas para determinada classe social. Essa modalidade assume caráter revolucionário tendo como foco principal oportunizar a aprendizagem que impulsiona o aluno a aprender a aprender, a ser autônomo, criativo, inovador e protagonista do seu próprio conhecimento.

Este modo de ensinar proporciona a maturação de meios inovadores que auxiliam na aprendizagem, fazendo uso das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação). E então, essas viabilizam na contemporaneidade a integração em todos os níveis de formação, auxiliando no processo educacional de usuários críticos, reflexivos e responsáveis. Nessa perspectiva, Belloni esclarece que essa modalidade dispõe de princípios, a saber:

[...] Aprendizagem autodirigida, disponibilidade de meios, programação da aprendizagem e interatividade entre estudantes e agentes de ensino. [...] os elementos essenciais para a compreensão do que é EaD no contexto das sociedades contemporâneas: a definição de uma população-alvo, considerada mais como usuário autônomo do que como aluno; um princípio orientador, ou uma "filosofia", de centralidade do estudante capaz de autonomia e autodireção na escolha e organização de seus estudos; a necessária disponibilidade de materiais e equipamentos apropriados; e uma série de princípios operacionais ligados à





concepção de estratégias de acompanhamento e apoio ao estudante, agrupados no conceito de interatividade, e de produção de materiais, com base nas aquisições da tecnologia educacional (BELLONI, 2009, p. 33).

As TIC's assumiram papel fundamental no processo ensino-aprendizagem e na relação professor-aluno, pois, mesmo que ocorram atividades presenciais amparados pela tutoria presencial, os discentes irão sempre utilizar os recursos tecnológicos-virtuais. O aluno passou a ter maior autonomia em sua rotina de estudo, por isso, a criticidade e a troca de conhecimento obtiveram maior abertura, com a dinamização dos ambientes virtuais de aprendizagem.

Na forma da lei, têm-se como definição, segundo o Art. 80 da Leis de Diretrizes Básicas – LDB, as condições para a concretização de exames e registro de diplomas, tendo sua legitimação pelo Decreto 5.622/2005 que singulariza a Educação a Distância como uma

Modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 1996, Art. 1º).

Belloni aclara que, ao se tratar de tecnologia, deve-se ter cautela, pois os agentes (professor, tutor a distância e presencial) ao utilizarem dessas ferramentas devem munir-se de argumentos para explicarem sobre a função das TIC's ou de qualquer técnica para seu alunado. Tal mediatização tecnológica e virtual deve pautar-se sob a orientação elucidativa, como mostra a autora:

Qualquer que seja a definição que utilizemos (e existem muitas), um elemento essencial deve estar presente nesta análise das relações entre tecnologia e educação: a convicção de que o uso de uma “tecnologia” (no sentido de um artefato técnico), em situação de ensino e aprendizagem, deve estar acompanhado de uma reflexão sobre a “tecnologia” (no sentido do conhecimento embutido no artefato e em seu contexto de produção e utilização). [...] Na EaD, a interação com o professor é indireta e tem de ser mediatizada por uma combinação dos mais adequados suportes técnicos de comunicação, o que torna esta modalidade de educação bem mais dependente da **mediatização** que a educação convencional, de onde decorre a grande importância dos meios tecnológicos (BELLONI, grifo da autora, 2009, p. 53-54).

Nesse sentido, educar por meios tecnológicos proporciona aos estudantes inúmeras vantagens. A EaD possibilita a oportunidade de formação adaptada a realidade do aluno, às pessoas que não puderam frequentar a educação superior tradicional. Os horários passam a ser mais flexíveis, isto é, podendo o discente conciliar trabalho e estudo, permitindo-se a ausência de rigor das aulas e do ambiente acadêmico. O aluno passa de mero espectador do professor para ser o centro e mentor de sua aprendizagem, superando seus próprios limites.

Dessa forma, o curso em EaD deve tornar-se espaço de colaboração baseado na coletividade. O aluno ativo precisa ter em mente a compreensão de que a EaD exige autodisciplina, desenvolvimento de iniciativas, valores e hábitos, sendo a liberdade acompanhada da responsabilidade em que o querer segue o fazer. Possui também uma comunicação que propicia uma aprendizagem inovadora e eficaz. O fator financeiro é fundamental para o crescimento dos cursos em EaD, tendo em vista o corte de gastos como





os de transporte e material didático, e, também a possibilidade do aluno em disponibilizar seu tempo para dedicar-se ao trabalho e à formação acadêmica ao mesmo tempo.

A fragilidade da modalidade EaD, no sentido acadêmico, consiste na escassez em formar grupos para a socialização de modo presencial e pessoal com outros discentes e com o docente e assim, há a ausência da relação interpessoal e diminuição dos vínculos e trocas de experiências professor-aluno ‘cara a cara’, sendo possível somente virtualmente.

Contudo, apesar de contribuir para sanar/reduzir a crise de oferta de ensino superior, pode-se criar entraves e fragilidades relativos ao conhecimento adquirido pelos alunos (futuros profissionais), ou seja, formar profissionais com capacitação limitada para exercício de suas funções. Assim, identifica-se uma fragilidade/lacuna existente entre ensino, formação e aprendizagem, o que pode ser explicado, em parte, pela grande falha do processo didático-pedagógico, falta de corpo docente preparado e especializado para ministrar os conteúdos dos cursos aplicados na modalidade a distância, falta de controle e avaliação constante da qualidade dos cursos, ineficiente material didático, dentre outros (FERRUGINI. et, al., 2014, p. 93).

Os pensadores enfatizam a falta de sensibilidade dos professores ou tutores em perceber que existem cursos que apresentam uma necessidade reflexiva maior. A imaturidade de alguns jovens ingressantes no curso a distância pode ocasionar dificuldade durante os primeiros períodos do curso, já que pode não ser familiar a eles esta modalidade de ensino e seus trâmites. Desse modo, absorvem muito mais informações do que produzem conteúdo por meio da pesquisa.

Belloni (2002, p. 118) compreende a importância da mediação para o processo acadêmico, contudo, constata que ainda não consegue abarcar toda a demanda da comunidade escolar, sobretudo a pública:

Diferentes mídias eletrônicas assumem um papel cada vez mais importante no processo de socialização, ao passo que a escola (principalmente a pública) não consegue atender minimamente a demandas cada vez maiores e mais exigentes.

Com isso, a educação básica não consegue preparar de maneira uniforme todos os futuros acadêmicos, tendo em vista que essa mesma “academia se entrincheira em concepções idealistas, negligenciando os recursos técnicos, considerados como meramente instrumentais”. (BELLONI, 2002, p. 118).

Uma vez que os discentes da educação básica não tenham contato com o uso de mídias digitais na escola, concluem o ensino médio com o ledor engano de que podem conquistar uma vaga fácil em determinado curso a distância ou debocham dos colegas que cursam nessa modalidade ao considerar o senso comum de que estas são mais ‘fáceis’.

Assim, Ferrugini; et. al., (2014, p. 95) advertem que,

[...] Muitos alunos aderem a essa modalidade de ensino por presumirem ser um modelo mais fácil de aprendizagem e realização das atividades do curso, por demandar menos horas de estudos e, conseqüentemente obter um diploma de graduação sem muitos esforços. Todavia, essa modalidade exige dedicação, disciplina e criação do próprio conhecimento. A falta de conhecimento sobre o verdadeiro modelo de funcionamento dessa modalidade faz com que a evasão seja um agravante para o crescimento e a confiabilidade da EaD (FERRUGINI. et. al., 2014, p. 95).





Os estudantes da Educação a Distância devem construir seu próprio perfil acadêmico solidificado na atividade reflexiva e crítica rompendo limitações e possíveis obstáculos como a imagem de uma modalidade acrítica e instrumentalista. Ademais, acredita-se que os partícipes dessa forma de educar *on-line* desempenham seus papéis de maneira coerente, interativa e constante em prol do ensino-aprendizagem.

As políticas públicas em educação ofereceram aos menos favorecidos o salto de qualidade pessoal tanto quanto profissional. Vista por muitos em seu início como uma solução paliativa, a Educação a Distância rompeu paradigmas e preconceitos. Assim, de acordo com Castells em seu livro *Sociedade em Rede* fomenta que, “a internet é a espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores (CMC): é a rede que liga a maior parte das redes”. (CASTELLS, 2002, p. 430)

Portanto, o estudante por meio da EaD possui acesso rápido ao ensino superior adequando-se às exigências do século XXI no intuito de formar profissionais qualificados através do uso consciente dos aparatos tecnológicos e virtuais para atender as necessidades do mercado.

3. Conceito de redes sociais na internet

A nova ordem econômica e social exige do homem um posicionamento mais enérgico, frente ao caráter competitivo que se instaurou, seja em matéria de educação ou no nível profissional. Desse modo, torna-se necessário o aumento de sua sociabilidade pelo uso das novas tecnologias.

A virtualização das relações trouxe nas palavras de Castells, “um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social” (CASTELLS, 2002, p. 41).

Conforme Recuero (2009) em sua obra *Redes Sociais na Internet*, o advento da Internet, possibilitou mudanças fundamentais na sociedade, dentre elas se destaca a CMC (Comunicação Mediada pelo Computador). Destarte, as concepções de redes sejam nos segmentos reais ou virtuais possuem como principais características a comunicação constante, a fluidez, o dinamismo, a relação entre pessoas, em que tudo está interligado, podendo ser análoga a um conjunto de ‘nós’.

Castells aclara o conceito de redes frente sua inevitável transformação nas relações, operações e experiências. Mas, não se pode afirmar como será cada ação ou como determinada rede deve portar-se, pois esta depende das peculiaridades dos agentes que a compõem.

Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Rede é um conjunto de nós conectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas de que falamos (CASTELLS, 2002, p.565-566).

Essa metáfora auxilia na compreensão do conceito de rede contemporânea, pois, este perpassa o individualismo e a comunicação tradicional, devido à conectividade que lhe





é inerente. Silva destaca que as redes sociais digitais “são sistemas abertos, e em construção permanente possuindo como característica principal a grande capacidade de transmissão de informação” (SILVA, 2010, p. 38). Faz-se oportuno analisar os elementos indispensáveis para a construção do ciberespaço, a saber: os atores sociais e suas conexões.

Recuero (2009) fala sobre o aspecto primordial que os atores possuem na construção de laços sociais através da interação capazes de moldar as estruturas sociais. Assim, os atores são o primeiro elemento da rede social, representados pelos nós (ou nodos). Os atores não são facilmente identificáveis. Desse modo, trabalha-se com representações dos atores sociais e esses podem ser representados por um *fotolog*, *weblog*, por um *twitter*.

É consensual entre Castells (2002) e Recuero (2009) que redes são estruturas abertas e dinâmicas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação.

Desse modo, mais do que *logar* para constituir-se como ator, o internauta, deve ser ‘dono do ciberespaço’, pois, somente com esse espírito de pertença pode ir além do individualismo, personalizando-a e construir uma sociedade virtual. Recuero (2009) frisa ainda que, a expressão pessoal ou pessoalizada na Internet caracteriza o espaço do outro no ciberespaço. Esta percepção se lança através da construção do site, sempre através de elementos identitários e de apresentação de si. Contudo, mais do que ser visto, essa visibilidade, é um imperativo para a sociabilidade mediada pelo computador.

Pimenta analisa em seu texto: *O Conceito de Virtualização de Pierre Lévy e sua aplicação em Hipermídia* que “a virtualização amplia a variabilidade de espaços e temporalidades”. (PIMENTA, 2001, p. 86). O autor explana que, a inovação comunicacional, entendida aqui como a comunicação virtual, institui diferentes modalidades de tempo e espaço que distinguem as pessoas inseridas em relação aos que se situam fora do novo sistema.

Portanto, “as conexões em uma rede social na internet são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009, p. 30-32) apesar de suas divergências espaço-tempo. Então, as conexões são inseparáveis das redes sociais, sendo “o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos”. (RECUERO, 2009, p. 31). A influência mútua no ciberespaço também pode ser “compreendida como uma forma de conectar pares de atores e de demonstrar que tipo de relação esses atores possuem. Ela pode ser diretamente relacionada aos laços sociais”.

Entende-se que toda rede social é dinâmica, podendo ser classificáveis. As redes sociais analisadas na Internet podem ser de dois tipos, conforme Recuero (2009, p. 32): as redes emergentes e as redes de filiação ou redes de associação.

As do tipo emergente “são aquelas expressas a partir das interações entre os atores sociais. São redes cujas conexões entre os nós emergem através das trocas sociais realizadas pela interação social e pela conversação através da mediação do computador”. Pode-se identificar como emergente, uma plataforma virtual em determinado curso EaD, pois, ela é continuamente construída com seus partícipes (professor, aluno, tutores), absorvendo trocas sociais, experiências. Assim, as redes emergentes “tendem a ser mais conectadas e menores, principalmente por demandar mais esforço dos atores sociais” (RECUERO, 2009, p. 80).





As redes de filiação, por sua vez, “podem expressar laços sociais, mas seu tamanho grande é típico das possibilidades que a mediação pelo computador proporciona para a manutenção dos laços sociais”. Essas redes “tenderão a ser maiores, menos distribuídas e mais centralizadas”. Um exemplo encontra-se na singularidade de uma determinada página no *Facebook* (RECUERO, 2009, p. 95).

Outro aspecto que evidencia a importância das redes é a notória crescente demanda em cursos superiores no Brasil, que constitui um componente preponderante para a construção de sua disseminação. Dessa forma, uma rede EaD entre IES (Instituições de Ensino Superior) incentiva tal procura.

Quando a tecnologia digital permitiu a compactação de todos os tipos de mensagens, inclusive sons e imagens, formou-se uma rede capaz de comunicar todos os símbolos, sem o uso de centros de controle. Hoje existem milhares e milhares de microrredes no mundo, abrangendo todo o espectro da comunicação humana, de política e religião a sexo e pesquisa (CASTELLS, 2002, p. 438-439).

Nesse sentido, não somente a adesão em redes de IES é necessária, mas ainda o desenvolvimento de competências faz-se importante na educação em todos os seus níveis e modalidades, pois, é evidente que com o crescimento do padrão de qualidade educacional os indivíduos evoluem para confrontar-se aos desafios profissionais do mercado.

Julga-se que a partir da união de competências em rede, as IES consigam oferecer acesso à educação em maior quantidade e melhor qualidade. Cada instituição com suas características peculiares, ao serem compartilhadas, melhoram o produto/serviço final repassado aos indivíduos. Buscando alcançar tais perspectivas é que foram instituídas algumas redes envolvendo Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES) como o Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB), o qual tem sido a responsável pela dinamização da EaD (FERRUGINI, et, al., 2014, p. 694).

Entretanto, Freire critica o uso em demasia das redes ao dizer que: “Quanto mais tempo agarrados às telas, menor é a vida interior, menor é a contemplação e a dedicação ao pensamento reflexivo” (FREIRE, 2015, p. 10). Frente a esse otimismo e a um mundo de possibilidade que as redes oferecem ao homem, tem-se por outro lado jovens e adultos dependentes das telas interativas dos *tablets* e *smartphones*.

4. Os impactos do uso indevido das redes sociais na EaD

Com o acúmulo de informação e a quantidade exorbitante de redes sociais para administrar, o estudante (seja do curso presencial ou à distância), vê-se cercado por afazeres que podem distanciar-lo do estudo. Essa desvalorização transforma a cientificidade intrínseca ao curso superior em meras postagens desconexas, contaminadas de plágio por priorizarem a fugacidade das redes sociais.

No entanto, o filósofo Pierre Lévy (2012) situa o espaço virtual e suas transformações da informática e tecnológicas como um ambiente onde, indivíduos comunguem informações. Nesse emaranhado de conhecimentos distintos, segundo o pensador, constrói-se a inteligência coletiva (Todos-Todos), onde todos partilhem saberes com o maior número de pessoas possíveis.





Belloni (2009) pondera ao refletir sobre o entusiasmo de Pierre Lévy nos meios tecnológicos, pois, ao considerar o ciberespaço como motor para as redes telemáticas, sendo este um ambiente propício ao desenvolvimento da inteligência coletiva típica da Cibercultura, pode também ser o móvel de formas negativas de acesso e uso, tais como:

- Isolamento e sobrecarga cognitiva (*stress* da comunicação e trabalho com telas de vídeo);
- Dependência (vício com relação à navegação e aos jogos nos mundos virtuais);
- Dominação (fortalecimento dos centros de decisão e controle, domínio quase monopolístico de potências econômicas sobre importantes funções das redes);
- Exploração (centros típicos de teletrabalho vigiado ou deslocamento de atividades econômicas para países do terceiro mundo);
- E mesmo estupidez coletiva (boatos, conformismo de rede ou de comunidades virtuais, amontoado de dados vazios de informação, televisão interativa) (BELLONI 2009, p. 69 apud LÉVY 1997, p. 32).

Desse modo, a advertência de Lévy confere caráter relevante, pois, de maneira inconsciente o homem passa de senhor para servo dos aparatos tecnológicos e do ciberespaço. Igualmente, muitas instituições atendem aos apelos e respondem de forma apraz aos anseios atraentes da mídia e condicionam-se integralmente às novas tecnologias, sem o mínimo diagnóstico ou criticidade prévia acerca dos fins didáticos que trarão.

Percebe-se o descaso e a ausência de comprometimento do estudante a distância, e, este tem a ilusão de escrever, estudar e acessar a plataforma de maneira coerente, graças ao sentimento de conforto que os aplicativos e as redes sociais causam. O uso frequente dessas redes pode provocar prejuízo cognitivo, no que toca a capacidade de absorção do conhecimento, pois, o aluno condiciona-se ao meio virtual. Por isso, pode-se dizer que se acostuma cognitivamente com mensagens instantâneas, o que pode tornar a mente frágil a conteúdos mais densos ou que exijam maior reflexão.

Catells (2002, p. 23-43) qualifica o determinismo tecnológico como insustentável, sendo que a tecnologia se tornou sinônimo de sociedade e essa passou a ser compreendida ou imaginada somente com estes instrumentos, analisa que,

Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser. A tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a. Mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: utiliza-a.

Theodor Adorno – filósofo alemão do século XX, proveniente de um período que, os meios de comunicação de massa virtuais não se faziam presentes ainda – em seu livro, *Dialética do Esclarecimento (1986)*, identifica que o homem absorve o que é transmitido nos *mass mídia*, sendo impossível resistir,

[...] O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. Quem resiste só pode sobreviver integrando-se. Uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, ele passa a pertencer a ela assim como o participante da reforma agrária ao capitalismo (ADORNO, 1985, p. 123).

Não obstante, as benesses que o uso coerente das redes virtuais proporciona aos estudantes, destaca-se o maior relacionamento e interação, mas a inserção indiscriminada em comunidades, postagens sem discernimento do seu teor e o grande fluxo de informações, interferem no processo de aprendizagem e no desenvolvimento de sua





criticidade. Atualmente, o acesso às redes sociais na internet parece estar se tornando item necessário para a inclusão em quaisquer grupos sociais.

De acordo com Belloni (2009), a atração irresistível que exercem os jogos virtuais, e sua interatividade em tempo real está dando origem a uma nova cultura. Nesse sentido, o uso intenso de computadores permite aos jovens, sem sair da cadeira, criar um novo mundo.

A concepção pessimista adorniana aponta de forma convergente à ideia de Belloni quando diz:

O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o próprio prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento – mas através de sinais. Toda a ligação lógica que pressupunha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada. Os desenvolvimentos devem resultar tanto quanto possível da situação imediatamente anterior, e não da ideia do todo (ADORNO, 1985, p. 129).

Ao compreender que o real (contrário ao virtual) é insubstituível, se entende que o acesso às redes sociais pode ser arriscado, devido à ausência do mundo real e de suas relações, podendo comprometer até mesmo a capacidade de comunicação. A linguagem virtual cria um ambiente abarrotado de informações rápidas, ao incorporar, muitas vezes, escritas de maneira abreviada. No caso de um acadêmico de curso a distância, essa prática linguística se torna mais habitual tendo em vista sua sala de aula ser justamente o meio virtual. Assim, o aluno nos cursos EaD modernos são condicionados ou indicados a ter tal atitude, desvirtuando-se do seu vocabulário correto usual.

Outra circunstância recorrente que contribui para a regressão da qualidade desses cursos e do seu público segundo Ferrugini; et. al. (2014), é a alocação por dirigentes de professores/tutores que não possuem formação e capacitação adequadas para o exercício de suas funções, pois não são ministrados cursos de capacitação adequados para exercício da função de tutores da EaD.

Observa-se também, que muitos dirigentes/professores/tutores têm na Educação a Distância um meio de aumentar ou complementar a sua renda e, talvez por isso, não empenhem maiores esforços para ministrarem boas aulas e melhorar a qualidade dos cursos, visto não terem relacionamento profundo e contínuo com o trabalho que desempenham.

O entorpecimento inerente às redes sociais na internet invade os jovens antes mesmo de entrarem no ambiente acadêmico. Essa imaturidade pode ser percebida nas postagens ausentes de fundamentação teórica em fóruns e *chats* ou em trabalhos eivados de citações não referenciadas. É notória a efemeridade dos ‘conhecimentos’ adquiridos pelos acadêmicos que passam a considerar a modalidade a distância como secundária.

Contudo, falta de disciplina, descontrole em acessar as redes sociais no momento do estudo, desmotivação, letargia em pesquisar e extração tudo do meio virtual de maneira pronta e acabada, não deve fazer parte do perfil do aluno da Educação a Distância. Nesse ponto, é possível inferir que a EaD não é para todos.





4. Considerações finais

Compreendeu-se que a existência se tornou sinônimo de conectividade atualmente, tendo em vista a necessidade do ambiente virtual nas diversas atividades cotidianas. Essa atitude compromete outras situações, como os relacionamentos. Então, ocorre uma inversão de valores: tendo a sua criação o objetivo de auxiliar as pessoas, a tecnologia submete os indivíduos a um grau de dependência e robotização. A vida real torna-se ultrapassada sem a conectividade que as TIC's oferecem ao passo em que o prazer proporcionado pela virtualização influencia o sujeito ao individualismo social, apesar da socialização virtual.

O homem contemporâneo tende a divinizar as redes sociais e a fazer delas um elemento indispensável para a sua sobrevivência. De tal maneira que, a internet se transformou em um canal do indivíduo para ir à busca do sentido da vida.

Destarte, percebemos com este estudo sobre os impactos do uso indevido das redes sociais na internet, que a educação, em especial na modalidade a distância, possui a função de emancipar, mas o homem permite que os mecanismos tecnológicos e virtuais interfiram em seu senso crítico e o ceguem com seus aplicativos capazes de dominar a vida em todas as suas dimensões.

Autores como Lévy e Recuero, não obstante, as divergências, compartilham que o uso demasiado das redes sociais na internet pode 'atrofiar' a mente, tornando-a sensível ao substancial. A homogeneidade que o ciberespaço impetra nos lares é aceita sem resistência pelos usuários, conferindo a tudo na linguagem adorniana: um ar de semelhança. Esse fato é evidente no comportamento dos jovens que saem do ensino médio, ambiente em que não havia controle para o manuseio dessas ferramentas digitais, ao entrarem num curso superior e a distância.

No entanto, se quisermos ajustar essa sociedade atual da 'cultura de micro-ondas extremamente volátil' é preciso, conforme Castells, (2003) entender que não podemos conferir a Internet e suas redes caráter utópico, pois, ela é a expressão de 'nós', mesmo através de um código de comunicação específico, que devemos compreender se quisermos mudar nossa sociedade.

Com o louvor de hábitos fugazes, o aluno virtual vê o curso a distância de maneira mais tênue e fácil de obter um diploma. A política do jeitinho também está enraizada nos cursos EaD, pois o aluno indisciplinado tem a ideia absurda que, vai se 'dar bem' a qualquer custo, tentando manipular pensamentos de autores ou até mesmo dos tutores. Nesse sentido, a frustração na EAD engloba o discente que impede sua aprendizagem e sucesso devido ao manuseio desonesto do/no ambiente virtual.

Os autores Palloff e Pratt (2004) ponderaram que mesmo a fraude e o plágio não ocorram com tanta frequência quanto pensamos, isso não é razão para que ignoremos essa possibilidade. Isso é o que há de mais grave nos cursos *on-line* devido ao fato de não estimularem as aptidões e competências cognitivas dos discentes, e assim, estes preferem apossar-se dos pensamentos definidos sem o menor senso de pudor.

Costumeiramente, percebe-se que o estudante *on-line* permanece preso à extensão de seu corpo: o celular. De fácil transporte, esse aparelho transformou-se no grande pesadelo dos acadêmicos devido à sua capacidade de distração e o fluxo de mensagens





instantâneas como no *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter* com vídeos e/ou, fotos. Permanecendo curvados, de cabeça baixa, os educandos trazem consigo a fantasia de ter o mundo em suas mãos, já que não conseguem distinguir a prioridade do vício.

Assim sendo, os problemas permanecem porque os agentes dos cursos a distância, em especial seus protagonistas, não rompem as armadilhas que as redes sociais arquitetam sorrateiramente. No entanto, é preciso combatê-las tendo como antídoto o pensamento crítico-reflexivo, constituindo a veste de todo Curso Superior.

Portanto, faz-se compreensível que, apesar da inclinação ao individualismo e ao 'pensar e agir voltados somente para o outro', as utilizações adequadas de mídias digitais na educação básica, juntamente com a própria vivência cotidiana do aluno com esses meios, contribuem para a familiaridade do mesmo com o uso de plataformas acadêmicas. Logo, facilitam a vida acadêmica deles, ainda mais se optarem pela formação superior na modalidade EaD.

5. Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. 2. ed. [Trad. Guido Antonio de Almeida]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. 224p.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. 115p.

_____. Ensaio sobre a educação a distância no Brasil. **Educação & Sociedade**, vol. 23, ano XXIII, n. 78, p. 117-142, abr. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200008>>. Acesso em: 11 de março de 2016, às 13:30h.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lex**: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 de março de 2016, às 11:00h

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 328-333.

_____. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. v. 1. 639 p.

_____; CARDOSO, Gustavo. **A Sociedade em Rede**: do Conhecimento à Ação Política. Mar. 2005. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAgQgEAL/sociedade-rede-conhecimento-a-acao-politica?part=2>>. Acesso em: 02 de março de 2016, às 15:15h. 439p.

FERRUGINI, Lilian; et al. A Importância das Redes na Educação a Distância: Um Estudo Sobre as Práticas do Curso Piloto de Administração. In: **XI Congresso de Ensino Superior a Distância**, p. 693-707, 05-08 de agosto de 2014, Florianópolis, SC. Disponível em: <<http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/128013.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2016, às 11:20h.

FERRUGINI, Lilian. et al. Educação a distância no Brasil: potencialidades e fragilidades. In: **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Betim-MG, v. 12, n. 1, p. 90-98, jan./jul. 2014.





FREIRE, Wendel. Apropriações docentes da midiamorfose: Será que toda a aura de interatividade e as conexões cada vez mais potentes não estão nos dando uma falsa ideia de evolução na educação?. In: *Conhecimento Prático: O papel do erro no processo de aprendizagem. Língua Portuguesa*. São Paulo: Escala, 2015. v. 56. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/56/apropriacoes-docentes-da-midiamorfose-sera-que-toda-a-aura-365293-1.asp>>. Acesso em: 05 de março de 2016, às 22:00h.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e significado**. [Trad. Antonio Marques Bessa]. Lisboa, Portugal: Editora Edições 70, 39 p. 1987. Disponível em: <<http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Mito%20e%20Significado%20%28Claude%20L%27E9vi-Strauss%29.pdf>>. Acesso em 29 de fevereiro de 2016, às 09:30h.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 212 p.

PIMENTA, Francisco José Paoliello. O Conceito de Virtualização de Pierre Lévy e sua Aplicação em Hipermídia. In: **Revista Lumina**, Juiz de Fora-MG, v.4, n.1, p.85-96, jan/jun. 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/29671426227408648376972674754869353228>>. Acesso em 08 de março de 2016, às 13:00h.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line**. [Trad. Vinícius Figueira]. Porto Alegre: Armetd, 2004. 216 p.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura). 191 p.

SILVA, Siony da. Redes sociais digitais e educação. In: **Revista Iluminart**, Sertãozinho-SP, n. 5, p. 36-46, ago./2010. Disponível em: <http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero5/ARTIGOS/volume1numero5artigo4.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2016, às 20:00h.

